



**Instauratio Magna**

Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Filosofia da Universidade Federal do ABC  
v. 2, n. 1 (2022) ▪ ISSN: 2763-7689

Entrevista

## Prof. Dr. Flamarion Caldeira Ramos

Realizada por

**Renan Alves do Nascimento**

Universidade Federal do ABC  
São Bernardo do Campo (SP)

DOI: [10.36942/rfim.v2i1.726](https://doi.org/10.36942/rfim.v2i1.726)

Entrevista realizada em: 6 de setembro de 2022.

*Entrevista sobre o pensamento de Arthur Schopenhauer e o pessimismo filosófico com o Prof. Dr. Flamarion Caldeira Ramos, docente na UFABC do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia.*

**Revista de Filosofia Instauratio Magna [RFIM]:** *Você é especialista na filosofia de Arthur Schopenhauer, que é um filósofo bastante conhecido não somente entre o público interessado em filosofia, mas também entre pessoas de diversos outros campos, como a arte. Sob seu ponto de vista, a que você entende que isso se deve? Que atrativo Schopenhauer tem que pode despertar interesse para além da comunidade filosófica?*

**Flamarion Caldeira Ramos [FCR]:** Creio que o grande interesse pela filosofia de Schopenhauer deriva dos seguintes fatores: seu nome está associado a diversos artistas dos séculos dezenove e vinte, sobretudo escritores. Jorge Luis Borges, Thomas Mann, Marcel Proust e Samuel Beckett, só para citar alguns, mencionam Schopenhauer como uma importante referência filosófica de sua arte. Entre nós, sempre se menciona a influência de Schopenhauer em Machado de Assis. Além disso, Richard Wagner dedicou seu *Tristão e Isolda* ao filósofo que o inspirou. Por fim, como Nietzsche também é um filósofo que desperta muito interesse no Brasil, Schopenhauer acaba sendo bastante conhecido por conta das recorrentes referências que o autor de *Assim falou Zaratustra* faz àquele que ele chamava de seu "educador". Além de tudo isso, teríamos que refletir também sobre como a filosofia pessimista encontra tanto apelo no Brasil.

**RFIM:** *Como você passou a se interessar por Schopenhauer e os filósofos pessimistas? Como isso se refletiu na sua trajetória acadêmica?*

**FCR:** Meu interesse pela filosofia de Schopenhauer também deriva da literatura. A primeira vez que tive contato com o nome do filósofo foi ao ler o romance "As Cidades e as Serras" de Eça de Queiroz. Lá é descrita a crise existencial do personagem principal que se afasta das atribuições da vida moderna na cidade e se refugia no campo e na leitura de Schopenhauer e dos *Eclesiastes* da Bíblia cristã. De fato, a filosofia de Schopenhauer se apresenta como uma alternativa existencial bastante cativante para quem se desencanta com os apelos da vida contemporânea. Ao começar a graduação de filosofia, em princípio na Universidade São Judas Tadeu, li os filósofos pré-socráticos e o ensaio de Nietzsche sobre *A Filosofia na época trágica dos gregos*, no qual Nietzsche aproxima a filosofia de Anaximandro a Schopenhauer e ao budismo. A partir daí, comecei a ler os textos de Schopenhauer, inicialmente os textos do seu volume na coleção "Os Pensadores" da Editora Abril, nomeadamente alguns ensaios dos *Parerga e Paralipomena* e desde então fui lendo toda a obra do filósofo. Estudei a obra schopenhaueriana, desde a iniciação científica ao pós-doutoramento e ainda leio por conta das aulas e minhas atividades como pesquisador. Aprofundar-se num autor sistemático, clássico da filosofia como é Schopenhauer, é também estudar profundamente um pouco de todos os âmbitos da filosofia, da epistemologia à metafísica, da estética à ética. Nesse sentido, de fato Schopenhauer foi para mim um "educador", já que a leitura atenta de sua obra foi fundamental

para minha formação, assim como foi a minha orientadora em todo esse percurso, professora Maria Lúcia Cacciola.

**RFIM:** *Schopenhauer é bastante mencionado como um filósofo pessimista. Sua visão do mundo e da vida pode nos ajudar a compreender melhor problemas contemporâneos e, de alguma forma, nos auxiliar a viver melhor?*

**FCR:** Sim, sua visão de mundo é pessimista, de fato, e ele é muito lembrado por isso. Seu pessimismo deriva de sua rejeição a uma concepção evolutiva de história e também da sua visão negativa sobre o prazer, o bem e a justiça, pois para ele cada um desses valores surgem apenas em oposição aos seus contrários: a dor, o mal e a injustiça, que para ele são primários. Daí toda uma visão negativa sobre a existência em geral e o curso do mundo, o que o faz valorizar as visões pessimistas nas religiões e na filosofia. É fundamentalmente pela desconfiança em relação à capacidade da razão de oferecer um sentido para todo o sofrimento humano e animal presente no mundo. Por conta dessa desconfiança na razão e por conta da influência que essa abordagem teve em autores como Nietzsche e Freud, seu nome pode ser incluído entre os "filósofos da suspeita" (denominação de Paul Ricoeur a filósofos como Nietzsche, Marx e Freud).

Por outro lado, porém, Schopenhauer, ainda que seja crítico da razão, não é um "irracionalista" como muitos acreditam. Ele

compreende a filosofia como uma atividade racional constituída por conceitos, ainda que esses tenham sua base na experiência. A razão é vista como uma capacidade limitada, mas ainda assim como um “instrumento” importante para a busca humana por bem-estar. Ainda que pessimista e contrária ao otimismo moderno com o avanço da ciência e da tecnologia, essa visão da razão acabou se impondo no mundo contemporâneo pois há muito já foi abandonada a crença de que a razão poderia se realizar completamente no mundo. Pelo contrário, a própria história da ciência conduz a um distanciamento de uma concepção absolutista de verdade e rumou em direção ao falibilismo. O mesmo se dá no campo das ciências humanas em que o perspectivismo e até mesmo um certo relativismo acabaram se impondo. Nesse sentido, por meio de um conceito desinflacionado de razão, Schopenhauer segue uma tradição que procura refletir sobre as possibilidades racionais, ainda que bem limitadas, de superação dos problemas e do sofrimento da existência. Propõe concepções mais realistas sobre a vida social e política e flerta com as concepções antigas de bem viver, como o estoicismo e o cinismo antigos, na medida em que privilegia um desapego em relação a expectativas ilusórias sobre a felicidade. Esse lado eudemonista da filosofia de Schopenhauer tem sido bastante ressaltado por pesquisadores brasileiros, como Jair Barboza, Leandro Chevitaese, Vilmar Debona e Felipe Durante, entre outros. Cada um deles resalta alguns aspectos práticos interessantes da filosofia de Schopenhauer, no âmbito da ética

animal, do cuidado de si, da busca por melhoria das condições de vida, o combate ao sofrimento social e a afirmação dos direitos humanos universais.

No entanto, ainda creio que o aspecto mais original e fascinante de sua filosofia seja a reflexão abismal que ele faz ao final de sua obra principal ao interrogar-se pela falta de sentido da existência e flertar com a mística, tanto cristã como oriental em geral. Essa reflexão, se por um lado conecta Schopenhauer a toda uma literatura mística presente pelo menos desde a Idade Média no Ocidente e desde a Antiguidade no Oriente, inaugura uma nova espiritualidade (chamemos provisoriamente assim) que reflete sobre a existência e seu mistério numa chave ateísta e moderna. A literatura contemporânea vem toda daí: Dostoiévski, Tolstói, Kafka, Thomas Mann, Proust, Beckett, para mencioná-los novamente. Além de filósofos que exploraram essa senda de pensamento: Nietzsche, Camus, Cioran. Essa ineludível busca de sentido, sem contentar-se com soluções fáceis e levando a interrogação aos limites da vertigem é o que persiste como atual em sua filosofia.

**RFIM:** *Pensando numa relação entre filosofia e saúde pública, você acredita que algumas ideias filosóficas, como as pessimistas, podem representar um risco às pessoas predispostas à depressão e ao suicídio? Em que medida ideias podem moldar nossa visão de mundo e eventualmente nos ajudar ou nos prejudicar? O suicídio*

*do filósofo Philipp Mainländer é um caso a ser considerado nesse sentido?*

**FCR:** Sim, a filosofia é perigosa. Especialmente o pessimismo filosófico. É preciso um certo preparo e alguma maturidade para poder abordar pensadores como Cioran, Camus e Nietzsche, além de Schopenhauer e Mainländer. O pessimismo é para os fortes, como já dizia Nietzsche, que justamente por isso criticava o pessimismo derivado apenas da decadência da força vital. Schopenhauer também afirmou o vínculo entre uma forte expressão da vontade e a criação artística e filosófica. O caso de Philipp Mainländer é uma expressão extrema do radicalismo filosófico, típico da segunda metade do século dezanove e que se expressa em uma forma contraditória de autoafirmação.

Seja dito, porém, que a questão da saúde mental e aquilo que tem sido chamado de epidemia da ansiedade e da depressão são temas que não podem ser abordados apenas pelo viés da filosofia pessimista, embora ela seja aquela que dentro de seu âmbito, mais refletiu sobre isso. Há questões de ordem política, social e econômica que nos ajudariam a compreender melhor o fenômeno do que se nos limitássemos a uma abordagem puramente "filosófica". Lidar com esses temas filosoficamente, exige, por outro lado, todo um preparo psicológico, assim como lidar com trabalhos difíceis e estressantes na área da saúde em geral pressupõe uma estrutura subjetiva fortalecida.

**RFIM:** *Aproveitando a lembrança de Mainländer, que ainda permanece desconhecido do grande público e você tem ajudado a trazer ao conhecimento dos estudantes brasileiros, que relação ele consegue traçar entre o pessimismo filosófico e um ideal político revolucionário?*

**FCR:** Foi justamente por ter levado seu pensamento numa direção extremamente radical que Mainländer conseguiu romper o vínculo entre o pessimismo filosófico e o conservadorismo ou conformismo, vínculo que ele observava em Schopenhauer. Ao invés de ver o pessimismo como um convite ao quietismo conservador, o pessimismo seria o estímulo para graus cada vez mais radicais de transformação, da injustiça à reivindicação de justiça social, do sofrimento ao bem-estar minimamente possível, da obscuridade para a clareza do conhecimento, até mesmo do ser para o não-ser! Philipp Mainländer, cujo nome real era Philipp Batz, partiu da filosofia de Schopenhauer como um modelo e uma inspiração. Sua obra principal, *A filosofia da redenção* de 1876, tem uma estrutura muito semelhante à obra principal de Schopenhauer. Mesmo assim, elaborou um sistema de filosofia original que se afasta de seu mestre em pontos essenciais: enquanto compreende a filosofia de Schopenhauer como dualista, desenvolve um monismo em que, paradoxalmente, a manifestação da vontade de viver se expressa sempre individualmente. Compreende que a razão tem uma importância prática maior do que no sistema do autor de *O mundo como vontade e representação* (1818) e por

conta disso valoriza mais a educação e a atividade política e social como maneiras de transformar, senão a essência do mundo, pelo menos as condições de existência. E assim, inaugurou o que pode ser chamada de a "esquerda schopenhaueriana".

**RFIM:** *O tempo presente, quando o comparamos às épocas dos nossos pais e avós nos anos 1960/1970/1980, parece sofrer em geral de uma crise de esperança e talvez uma crise de vontade, notadamente em termos políticos. Como você entende que filósofos pessimistas como Schopenhauer, Mainländer ou Cioran poderiam contribuir para nos ajudar a passar por esta etapa histórica do país e do mundo?*

**FCR:** Creio que a época presente já é bem desiludida se comparada a eras mais esperançosas da história humana, ainda que essa impressão seja bastante vaga e imprecisa. A desesperança presente nas obras de autores como Schopenhauer e Cioran tem sido comum a muitas abordagens filosóficas e artísticas desde o século dezenove. E mesmo quando a esperança aparece em escritores como Dostoiévski e Kafka, é logo obscurecida por uma névoa de exasperações. Mas há sempre algo a aprender com a desesperança, não apenas a desilusão ou o conformismo, mas uma atenção maior ao essencial. Nos ensina a valorizar apenas aquilo que realmente importa. Uma preocupação com os elementos mais básicos e fundamentais da vida. Por isso Horkheimer, o fundador da Teoria Crítica, o considerava autenticamente materialista.

**RFIM:** *A seu ver, qual é o problema do mundo? De que modo ele se resolve, se é que tem solução? Com o que a filosofia, que costuma ser considerada como perfeitamente inútil, pode contribuir?*

**FCR:** Não creio que a filosofia deva sempre ser útil, já que ela coloca em xeque a própria noção de utilidade. A filosofia nas últimas décadas tem deixado de lado explicações reducionistas que identificam um único problema como a fonte de todas as grandes questões presentes no mundo. A própria noção de mundo fica abalada com a crise da verdade e da concepção unitária de “mundo”. Ela se especializa e lida com problemas mais particulares e por isso mais concretos, ainda que lute para não perder uma visão mais ampliada que acabe por costurar relações amplas, sem o que ela também perderia sua relevância. Quando se especializa demais, porém, ela acaba falando apenas para si mesma e perde o interesse pelas questões mundanas, assim como fracassa em mostrar-se interessante para fora de seu âmbito. Esse talvez seja o desafio da filosofia atualmente: falar de modo amplo sobre as questões essenciais sem se estender tanto a ponto de perder a relevância ou se limitar tanto a ponto de fechar-se em si mesma.

Isso tudo sobre a filosofia. Sobre o mundo como um todo há um universo de problemas, mas creio que o que mais nos espanta – e o espanto é o que nos coloca a pensar – é exatamente o risco de precipitar a destruição do planeta por conta da exploração

irrefreável de seus recursos naturais. O modo como os seres humanos têm explorado a si e à natureza em nome da acumulação capitalista tem realmente nos feito vislumbrar a ameaça de extinção. Isso talvez soe catastrofista e um clichê típico de um leitor do pessimismo filosófico, mas o fato é que essa visão tem sido cada vez mais compartilhada por intelectuais críticos, mesmo advindo de egressos da tradição utópica socialista. Esse é o vínculo entre socialismo e visão apocalíptica do mundo que Mainländer vislumbrou desde o século dezenove e que insiste em permanecer atual.

**RFIM:** *Schopenhauer foi um crítico ferrenho da filosofia no interior do sistema universitário, que na visão dele terminava subserviente aos interesses da religião e do Estado. Sob o influxo das críticas que ele elaborou, olhando a universidade contemporânea no Brasil, quais vantagens e desvantagens você enxerga na filosofia exercida no interior da academia? Você entende que existem ainda riscos à liberdade de pensamento exercidas por autoridades com poder sobre as instituições acadêmicas? Os cortes que a educação tem recebido podem ter relação com isso?*

**FCR:** Schopenhauer desenvolveu uma concepção da atividade filosófica desvinculada das injunções políticas e religiosas de seu tempo. Ele expressa sua crítica ao modo como a estrutura acadêmica da Alemanha em sua época tolhia o exercício do livre pensamento. Ainda que essa crítica seja uma expressão de sua

visão política liberal, ela tinha um aspecto progressista em sua época, dada a estrutura retrógrada da universidade alemã do século dezenove e seu vínculo com o Estado e a religião. Por isso não podemos aplicá-la anacronicamente ao nosso tempo e em nosso país, já que temos, ao menos no plano institucional e constitucional, uma universidade livre e laica. Mas há alguns vícios no mundo acadêmico que permanecem e que tornam a crítica de Schopenhauer ainda atual: a formação de grupos, o corporativismo, a desconsideração do conhecimento em nome de interesses, a vaidade etc. Contudo, Schopenhauer não seria uma boa referência para um discurso de defesa da universidade pública, dado que criticava a filosofia como profissão e tinha uma visão antiga, que remonta aos gregos e sua estrutura social escravista, da filosofia como algo estritamente não profissional. É um paradoxo, mas a filosofia, pelo menos na tradição ocidental, só funcionaria à medida que abstrai seu caráter de atividade profissional, já que só avança enquanto permanece inútil e "gratuita", isto é, no sentido de dispensar mesmo a necessidade de "aplicação prática". Ela é, e deve permanecer nesse espaço de reflexão pura, sem finalidade. Adorno expressou bem isso quando afirmou, numa conferência de 1962 intitulada "Para que ainda Filosofia", o seguinte: "Apenas o pensamento que, sem reservas mentais, sem ilusões de um reino interior, confessa para si mesmo sua perda de função e sua impotência, consegue, talvez lançar um olhar a uma ordem do possível, daquilo que não é, em que homens e coisas estivessem em seu justo lugar. Já que

a filosofia não serve para nada, ela ainda não caducou; mas não deveria apelar a isto se não quiser repetir cegamente sua culpa, que consiste em haver se estabelecido a si mesma”.

Embora essa concepção antiga, retomada sob aspectos diferentes por autores como Schopenhauer e Adorno, tenha ela mesma seu “momento de verdade”, ela é antiquada e dificilmente palatável nos dias atuais, por conta da especialização acarretada pela divisão social do trabalho. A filosofia exige um lugar para si na sociedade que não é admitida para nenhuma outra atividade profissional: a liberdade entendida como o espaço da criação a partir de si mesma. Ela só existe enquanto cria esse espaço de liberdade e está em constante conflito com outras esferas da sociedade. A filosofia acadêmica tem a tarefa paradoxal de cultivar essa tradição e ao mesmo tempo prestar contas para essa sociedade que ela critica. Se a sociedade estivesse plenamente satisfeita com esse elemento incômodo presente nela mesma que é o pensamento filosófico, haveria certamente algo errado com esse pensamento. Esse é o sentido paradoxal da reflexão acima de Adorno: a filosofia só faz sentido enquanto não serve para nada.

**RFIM:** *Além das críticas à filosofia universitária, Schopenhauer também tinha um critério para separar filósofos e professores/eruditos em filosofia. Para ele, ainda que um filósofo também pudesse dar aulas na universidade, como ele mesmo se dispôs, parece que existia uma distinção fundamental entre uma atividade*

*e outra, algo como: o professor ou erudito lê o que os filósofos escreveram, enquanto o filósofo lê diretamente o mundo. Você pode comentar um pouco sobre essa relação no pensamento do filósofo?*

**FCR:** Sim, essa distinção é feita claramente por ele e, de fato, corresponde a uma distinção que efetivamente ocorre entre o filósofo enquanto pesquisador, erudito e professor, submetido aos encargos da profissão, e o filósofo, enquanto expressão de um pensamento pretensamente livre dessas injunções. Mas por mais que seja conhecido por sua rejeição da filosofia universitária, não devemos deixar de reconhecer que Schopenhauer é também fruto da filosofia universitária alemã do século dezenove. Ele teve uma formação científica e filosófica, fez um doutorado e teve experiência em sala de aula, ainda que negativa. A filosofia universitária acompanha Schopenhauer como uma sombra da qual ele quer a todo momento se furtar. Por mais que sua crítica seja em muitos pontos pertinentes, sua rejeição apenas reforça a dependência da sua filosofia em relação à academia. As apropriações desse aspecto de seu pensamento nos últimos anos, inclusive no Brasil, não resultaram em nada filosoficamente significativo, pelo contrário. Mas o apelo a voltar-se ao mundo e deixar em segundo plano a erudição e o pensamento abstrato é uma aspiração da filosofia contemporânea em suas diversas expressões: da fenomenologia à filosofia analítica, do existencialismo à filosofia da diferença. Mas querer abordar o mundo abstraindo tudo que

se pensa sobre ele é algo tão unilateral quanto e resultará num pensamento tão ou mais estéril. Essa é uma das contribuições decisivas de Hegel para a filosofia: o mundo é uma totalidade formada pelo ser e o conceito, a pretensamente inabordável "coisa em si" e tudo o que se projeta nela na esfera do mero "pensamento". Não é mais possível regredir para aquém disso, seja em nome de uma prioridade da realidade sensível, seja por um retorno ao mundo fantasioso das ideias.

**RFIM:** *De todo modo, parece evidente que há uma diferença entre filósofa/filósofo e professor/professora de filosofia, mas as duas coisas costumam ser confundidas na imaginação do grande público, até mesmo na universidade. O critério para considerar alguém filósofo ou filósofa não reúne consenso, mas, partindo das reflexões de Schopenhauer, como você particularmente enxerga essa questão?*

**FCR:** Schopenhauer parte da disputa antiga entre platônicos e sofistas a respeito da filosofia como profissão. Como não encontrou espaço para sua filosofia no meio acadêmico alemão do século dezenove, defendeu a ideia de que seria impossível compatibilizar a filosofia como expressão do livre pensamento e o exercício da profissão de filósofo. De fato, a ideia de que alguém possa ser filósofo enquanto submetido a obrigações profissionais parece contraditória. Ao desenvolver uma atividade que visa, seja ao lucro individual ou empresarial, seja ao cumprimento

de obrigações institucionais, por mais elevadas que possam ser, a filosofia se subordina a finalidades exteriores a ela, o que contraria sua essência que consiste justamente em refletir sobre a finalidade e propô-la a ela mesma sua própria finalidade. No entanto, não parece haver qualquer contradição entre ser docente de filosofia e filósofo, alguém pode ser professor ou professora de filosofia e exercer a atividade de filósofo ou filósofa, a qual se expressa por meio de textos ou discursos lançados na esfera pública. Evidentemente, não basta ser professor de filosofia, ou mais especificamente de alguma de suas especialidades, lógica, estética, epistemologia ou história da filosofia, para ser também filósofo ou filósofa. A filosofia é um tipo de atividade que só se efetiva quando de fato se a prática (o que parece e, de fato é, tautológico), por isso não basta ter um título de graduação, mestrado ou doutorado para receber legitimamente a denominação de filósofo. É o público que define se alguém será considerado "filósofo" ou "filósofa". Alguém que se auto intitula "filósofo" é, com toda razão, no máximo um charlatão. Pelo menos até que se reconheça a qualidade de sua "obra".

**RFIM:** *O que não perguntamos, mas você gostaria de responder?*

**FCR:** As perguntas foram ótimas e fico muito satisfeito em ver que você, Renan, soube colocá-las tão bem. Afinal, como dizem, o pensamento filosófico começa justamente quando se tem a capacidade de colocar boas questões. As respostas ficam sempre aquém.